

João Carlos Caninas
Francisco Henriques
Carlos Batata
Álvaro Batista

Novos dados sobre
a Pré-História Recente
da Beira Interior Sul.
Megalitismo e Arte Rupestre
no Concelho de Oleiros.

SEPARATA DA REVISTA

ESTUDOS @ CASTELO BRANCO

JULHO 2004 - NOVA SÉRIE - N.º 3



Grupo GENERG

O Grupo GENERG reúne um conjunto de empresas que têm por missão a **construção e exploração de aproveitamentos de produção de electricidade a partir de fontes renováveis**, valorizando recursos endógenos nacionais. Tem como accionistas a **LUSENERG*** (57,5%) empresa que agrega um importante conjunto de instituições portuguesas e o **Grupo ELECTRABEL** (42,5%). O Grupo GENERG tem inscrito na abordagem estratégica da sua missão:

- o apoio à **concretização das metas comunitárias** relativas à **Produção nacional de energias renováveis**;
- o apoio ao **Desenvolvimento Regional**;
- o apoio ao **Desenvolvimento Industrial**;
- um compromisso firme com **critérios ambientais exigentes**.

Com **potências hídricas já instaladas de 36MW**, o Grupo está neste momento envolvido num vasto programa de investimentos eólicos, que até 2007, ascenderão a **472 Milhões de Euros**, com uma **potência total de 450MW eólicos** distribuídos por **12 parques** de norte a sul do país.

Novos dados sobre a Pré-História Recente da Beira Interior Sul. Megalitismo e Arte Rupestre no Concelho de Oleiros

João Carlos Caninas, Francisco Henriques, Carlos Batata e Álvaro Batista¹

Introdução

Trabalhos de prospecção arqueológica efectuados pelos signatários, em 2002 e 2003, no âmbito de estudos de minimização de impactes do Aproveitamento Eólico do Pinhal Interior (Grupo GENERG)², conduziram à descoberta de novas gravuras rupestres e de estruturas funerárias pré-históricas, sob montículo artificial, no concelho de Oleiros.

No extremo oriental da Serra do Cabeço Rainha identificou-se um conjunto variado, embora não muito numeroso, de gravuras rupestres, naquele que é um dos relevos mais elevados da região montanhosa do distrito de Castelo Branco, atingindo 1084 m de altitude máxima no vértice geodésico (vg) homónimo.

A Noroeste da Serra do Cabeço Rainha situa-se a Serra de Alvélos, com altitude máxima no vg Povoinha (970 m), e a Nordeste a Serra das Mougueiras com 820 m de altitude máxima. Entre as três serras corre a ribeira da Sertã em cuja margem direita se desenvolveu a vila de Oleiros.

Em Alvélos, nas Mougueiras e ainda na Serra do Carujo, situada entre o Cabeço Rainha e a ribeira da Sertã, identificaram-se, ao que se julga pela primeira vez neste concelho, diversos montículos artificiais, de geometria circular (mamoas, *tumuli*), construídos com terra e pedras (xisto-grauvaque e quartzo).

Após os incêndios de 2003, e devido ao desaparecimento da cobertura arbustiva, foi possível descobrir novos monumentos na vizinhança dos montículos identificados na Serra de Alvélos no âmbito dos estudos citados³.

As novas gravuras rupestres do Cabeço Rainha e as estruturas monticulares funerárias identificadas na região representam um importante contributo para o conhecimento da Pré-História Recente do trecho meridional do maciço central, no concelho de Oleiros (**Fig. 1**). Importa agora realçar o significado, o valor cultural e o interesse científico destes achados.

¹ J. Caninas e F. Henriques, arqueólogos, membros da Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos, Carlos Batata, arqueólogo, sócio-gerente de Ozecarus, Serviços Arqueológicos Lda, Álvaro Batista, assistente de arqueólogo, técnico da Câmara Municipal de Abrantes.

² Estes trabalhos foram executados por Emerita - Empresa Portuguesa de Arqueologia Lda, a convite das empresas ProSistemas - Consultores de Engenharia SA, Profico Ambiente Lda e IPA – Inovação e Projectos em Ambiente Lda.

³ Estes locais foram visitados recentemente pelo arqueólogo Carlos Banha, da Extensão da Covilhã do Instituto Português de Arqueologia, e por responsáveis e técnicos autárquicos da Câmara Municipal de Oleiros e da Assembleia de Freguesia de Oleiros.

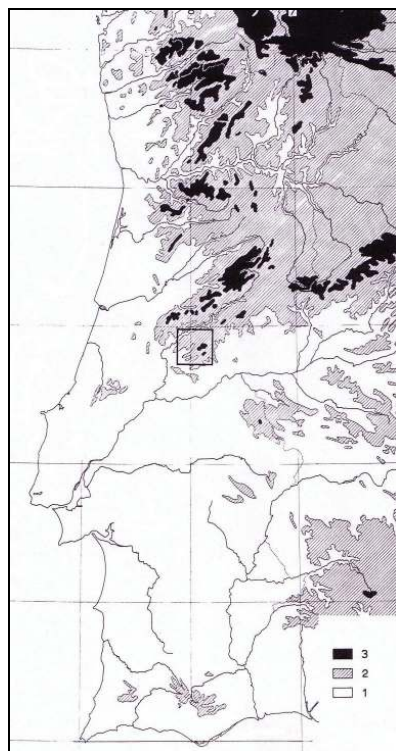


Fig. 1. Localização da área de estudo (delimitada por um quadrado) em mapa hipsométrico de Portugal, adaptado de Ribeiro, Lautensach & Daveau (1987), com indicação de três andares: 1-altitude inferior a 400m; 2-400 a 700m; 3-superior a 700m.

São escassos os registos arqueológicos pré-históricos referentes a Oleiros. A primeira Carta Arqueológica do Distrito de Castelo Branco (Proença Jr, 1910) assinala a descoberta de dez “machados de pedra” neste concelho. Estes materiais são, em grande parte, indicadores da presença de sepulturas megalíticas ou de *habitats* neo-calcolíticos. O topónimo Lomba das Antas, associado a relevo situado a oeste da Serra do Muradal, também abonava a hipótese de existirem, ou terem existido, monumentos daquele tipo⁴. Esta possibilidade foi aliás valorizada na obra póstuma de Vera Leisner sobre o megalitismo das Beiras (Leisner & Kalb, 1998).

Os dados disponíveis sobre uma ocupação humana anterior à Idade do Ferro são muito reduzidos embora se admita existir um forte potencial para a existência de vestígios de ocupação antiga nas proximidades do rio Zêzere.

Atribuível à Idade do Bronze existe um povoado na margem direita daquele rio, no concelho de Pampilhosa da Serra, perto de Sobral Magro. Da Idade do Ferro conhece-se um “castro” na ponta sul da Serra do Muradal já assinalado por Proença Júnior (1908). Também na área do Muradal, mais precisamente no Cabeço Murado, Ribeiro Cardoso (Cardoso, 1944) refere a existência de “*restos de uma muralha pré-histórica e uma inscrição indecifrável*”. E Henrique Louro (1988) aponta um castro no Cabeço Mosqueiro.

A maioria dos registos arqueológicos do concelho de Oleiros reportam-se à romanização. Inscrevem-se nesse conjunto dois tesouros monetários em Estreito-Álvaro, associados a vias romanas. Jorge de Alarcão (Alarcão, 1988) menciona o achado de um tesouro, constituído por cerca de 100 denários da República, em Sendinho da Senhora. Na zona de Álvaro foram identificados moedas romanas e

⁴ Os signatários visitaram a Lomba das Antas, extensa cumeada revolvida em grande parte por monoculturas florestais, e não detectaram vestígios de sepulturas daquele tipo.

várias minas. Para aí confluiria uma outra via romana, atestada em documentos medievais, que ligava Álvaro a Pedrógão Pequeno, passando pelo cimo da Serra de Alvélos. Estes achados foram contextualizados em recente dissertação de mestrado (Batata, 2002).

A presença romano-visigótica foi documentada na povoação de Mosteiro e Vale do Souto. Em Vale de Souto o achado de uma inscrição votiva e de recipientes cerâmicos, atribuíveis ao Alto Império (Diogo & Neto, 2002) justificaram a execução de uma escavação arqueológica.

Também existem registos relativos a obras de defesa contra as invasões militares que utilizaram o eixo da Beira Baixa nos sécs XVIII e XIX. É o caso de diversas baterias na Serra do Muradal, em Sarnadas de São Simão, em Vilar Barroco e no Orvalho (Henriques, Caninas & Correia, 2002).

As gravuras rupestres, localização e caracterização

As gravuras identificadas na parte oriental do Cabeço Rainha (**Fig. 2, Quadro 1**), mais precisamente no Alto do Pobral, distribuem-se por seis diferentes painéis situados nas encostas Nordeste (rochas 1 e 2) e Noroeste (rochas 3 a 6) de uma chã subjacente ao vg Lontreira (1038 m). Este relevo está posicionado no bordo leste de um vasto anfiteatro natural correspondente às cabeceiras do ribeiro da Lontreira (**Fig. 4**) que corre de Sul para Norte em direcção à margem esquerda da ribeira da Sertã onde aflui, frente à vila de Oleiros.

Deve referir-se que o local das gravuras foi descoberto com base numa lenda etiológica transmitida por um informante da aldeia da Lisga. Nesse testemunho foi afirmado que, no tempo da Invasões, os franceses roubaram os sinos da Igreja Matriz de Oleiros e que, ao chegaram ao Alto do Pobral, olharam para trás e deixaram de ver a capela. Nessa altura os cavalos estacaram e a carga caiu no chão tendo ficado marcadas nas pedras as bocas dos sinos e as ferraduras dos animais⁵.

As encostas do Cabeço Rainha, neste local e em área mais vasta, foram percorridas por incêndio antes de 2003 o que facilitou o reconhecimento das figuras e uma percepção da sua inserção no território. Antes do incêndio o terreno fora surribado para plantio de pinheiros. A profunda mobilização do solo que antecedeu aquele povoamento florestal pode ter contribuído para a ocultação ou destruição de rochas gravadas de menores dimensões e resistência.

Os motivos, gravados por picotagem e por abrasão, distribuem-se entre os 980 m e os 900 m de altitude (**Fig. 3**). Tal como no complexo de arte do Tejo foram utilizados painéis sub-horizontais. Em toda a área envolvente observaram-se outros afloramentos contendo superfícies, por vezes espaçosas, adequadas para gravação, mas que permaneceram vazias⁶.

⁵ A lenda dos Sinos de Santa Maria, recolhida neste mesmo concelho, relata um episódio idêntico, ou talvez uma versão do episódio relatado no Alto do Pobral. É a seguinte a transcrição da recolha efectuada por Isaura Soares (Soares, 2001: 130): "Os sinos de Santa Maria. Embora este facto não se tivesse passado no Concelho da Cortiçada, é de interesse por se ligar às Invasões e ter sucedido numa terra próxima. Passa-se no Estreito. Conta-se que a soldadesca roubou os sinos da torre da Igreja, para fazer canhões, e puseram-nos em cima de uma carroça. Tentaram os próprios soldados puxá-la, mas foram debalde os seus esforços. Então, já desesperados, decidiram deixar mesmo ali os sinos, que o povo depois repôs na torre da Igreja."

⁶ Efectuaram-se levantamentos provisórios, com luz natural, sobre película de plástico transparente. Deve admitir-se a possibilidade de aqueles painéis conterem gravações que a técnica utilizada não permitiu realçar. Convirá por isso complementar os registos agora efectuados com iluminação nocturna.

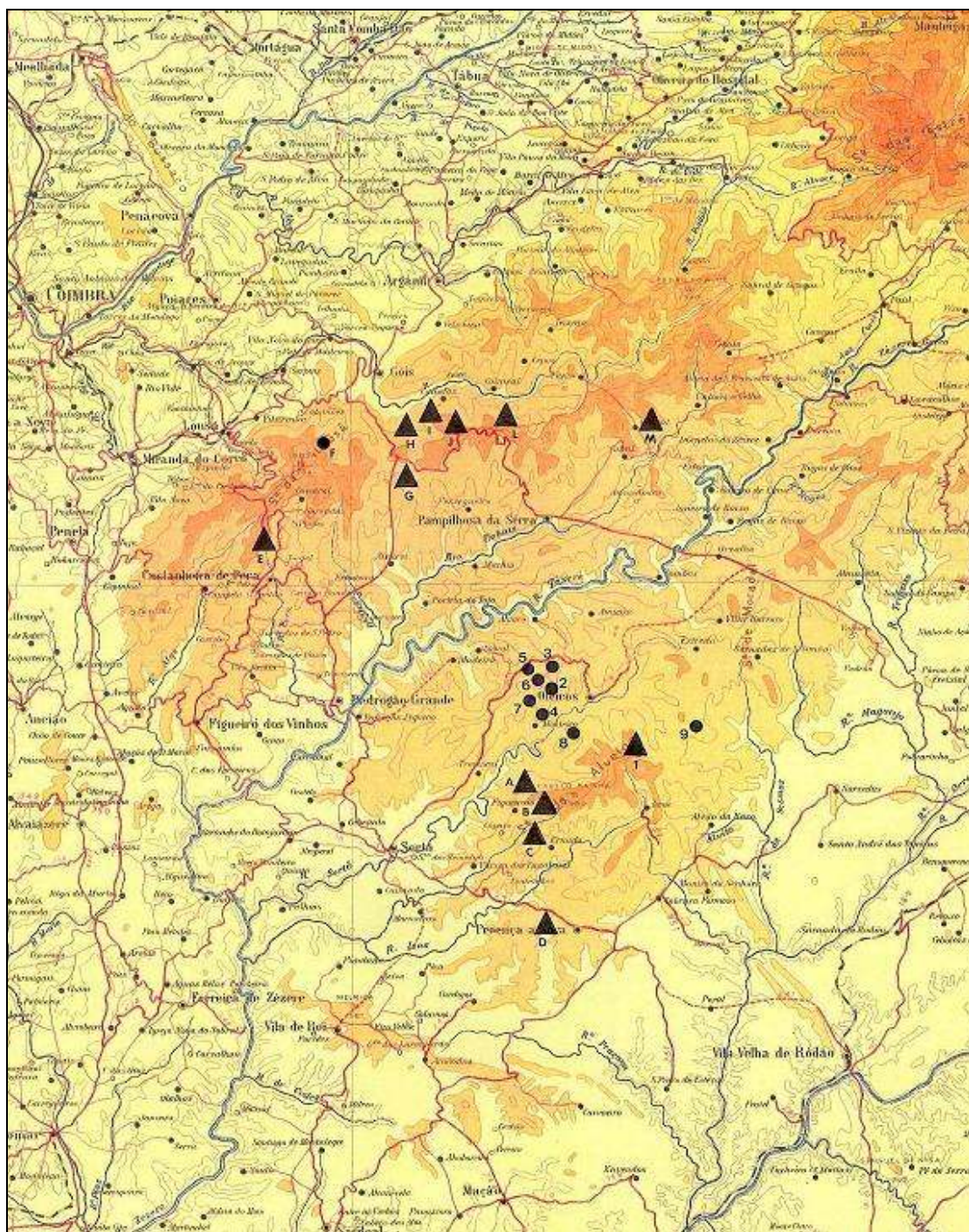


Fig. 2. Localização dos sítios arqueológicos em extracto da Carta Corográfica de Portugal na escala 1:400.000 (Instituto Geográfico e Cadastral, 1945). Os triângulos representam rochas gravadas e os círculos montículos funerários. 1 – Alto do Pobral, 2 – Selada da Póvoa, 3 – Mata do Álvaro, 4 – Mosteiro, 5 – Selada do Cavalo, 6 – Feiteiras, 7 – Coval Seixoso, 8 – Serra do Carujo, 9 – Serra das Mougueiras, A – Fechadura (Sertã), B – Fonte das Rimas (Sertã), C – Lajeira (Sertã), D – Pedra das Letras (Proença-a-Nova), E – Castanheira de Pera, F – Aígra (Góis), G – Pedra Letreira, H – Mestras III, I – Mestras II, J – Mestras I, L – Aldeia Velha, M – Vale do Gato. As ocorrências A a C, E e G a M baseiam-se em Batata & Gaspar, 2000.

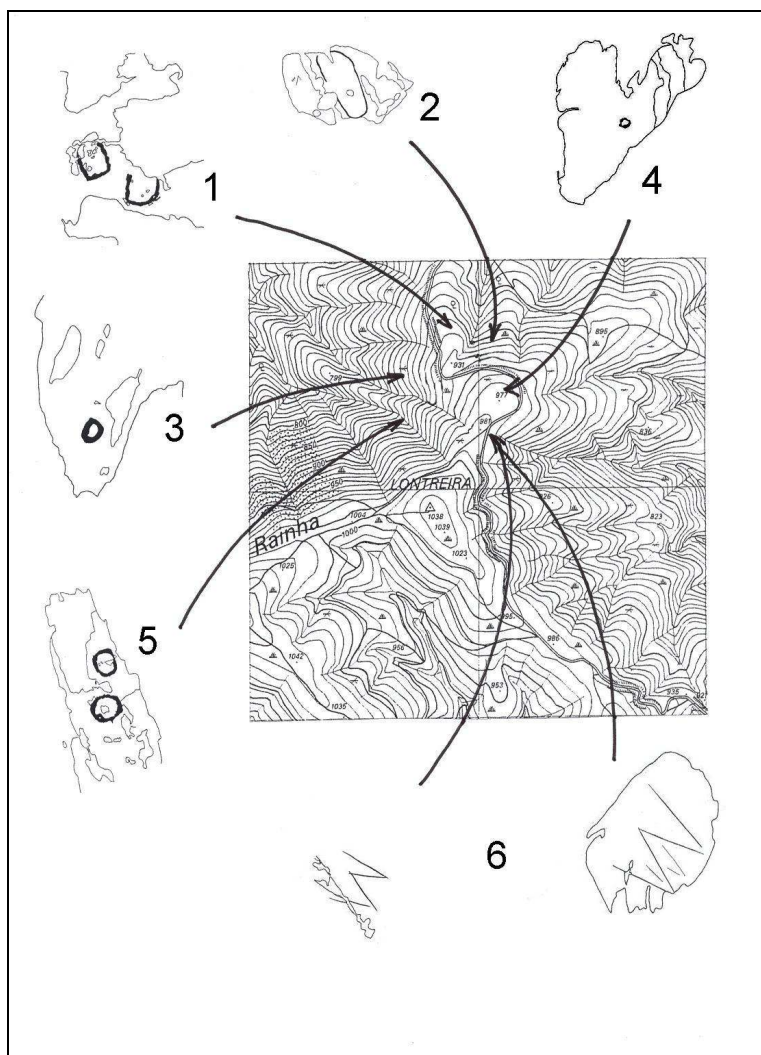


Fig. 3. Decalques das rochas gravadas do Alto do Pobral e localização sobre extracto da Carta Militar de Portugal.

À excepção de um caso (a rocha 1) houve a intenção de não inscrever mais figuras para além das que foram agora detectadas, apesar de existir espaço disponível nos respectivos painéis ou em painéis próximos. Estas gravuras também podem corresponder a um processo de marcação territorial interrompido.

Quadro 1

Nº *	Local	Tipologia
1	Alto do Pobral Serra do Cabeço Rainha	Duas ferraduras (rocha 1)
		Uma pegada (rocha 2)
		Um círculo (rocha 3)
		Um círculo (rocha 4)
		Dois círculos (rocha 5)
		Duas linhas quebradas ou MM (rocha 6)

* Número de referência do sítio na figura 2.

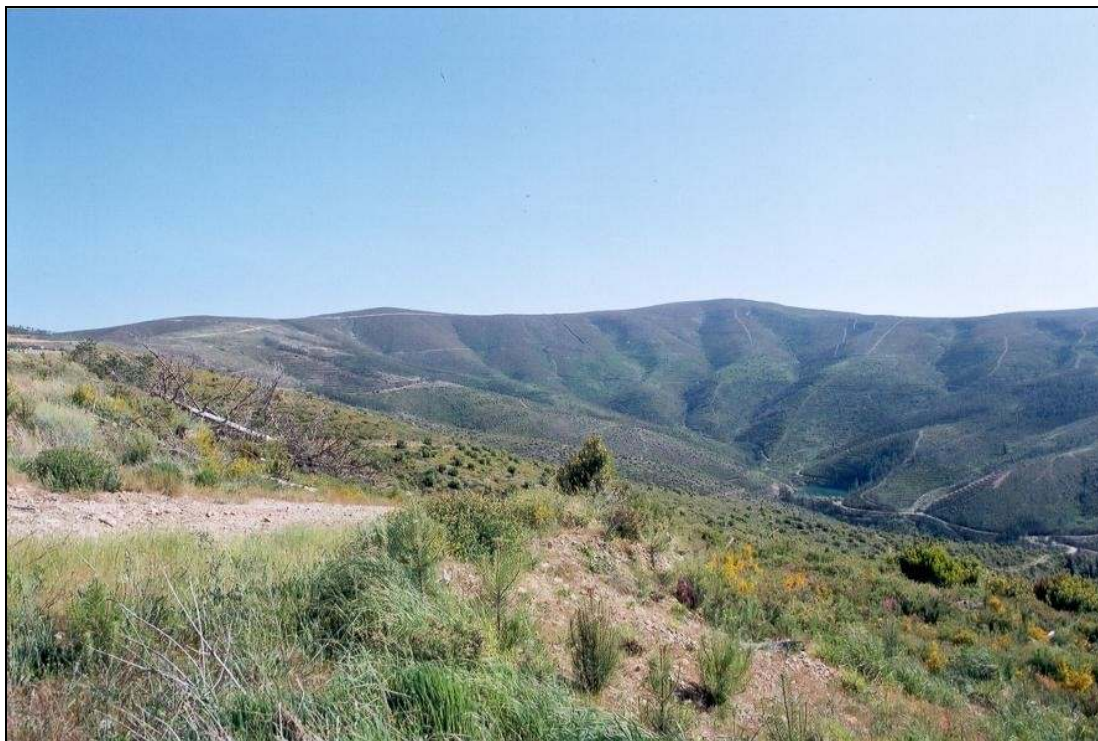


Fig. 4. Vista panorâmica de NO para SE das cabeceiras da ribeira da Lontreira. As rochas gravadas situam-se no topo da serra no lado esquerdo da fotografia.

A rocha 1 exhibe dois lofóglifos (**Fig. 5**), figuras vulgarmente designados por “ferraduras”, definidos por largo sulco picotado, bem vincado na rocha. Aqueles signos formam um par com as concavidades voltadas para Norte. Estão posicionados num dos extremos de um amplo painel muito danificado em grande parte da sua superfície.

A rocha 2 é um pequeno afloramento com um podomorfo, ou seja uma pegada humana, calçada (**Fig. 6**). O sulco, gravado por abrasão, é fino e pouco profundo sendo apenas observável com luz rasante. Os extremos da figura acompanham o limite do painel. Trata-se da representação de uma pegada-direita, bem desenhada, mas onde está ausente a marcação dos dedos do pé. Esta figura, com cerca de 28 cm de comprimento por 12 cm de largura máxima, está apontada a Noroeste.

As duas rochas anteriormente descritas situam-se a Norte e em plano inferior ao de uma estrada asfaltada que dá actualmente acesso ao Parque Eólico do Cabeço Rainha. As rochas seguintes situam-se a Sul daquela via.

A rocha 3 contém uma figura circular⁷ isolada definida por sulco picotado. O suporte integra um afloramento destacado acima do solo, perceptível numa paisagem limpa de vegetação, com xistosidade vertical e planos de fractura horizontal.

A rocha 4 mostra uma inscultura circular isolada, de pequenas dimensões, definida por sulco vincado mas muito irregular. A figura foi aberta numa fina capa de quartzo leitoso.

⁷ Sendo o círculo uma superfície limitada por uma circunferência seria mais exacto identificar aquela figura com uma circunferência.



Fig. 5. Pormenor das duas ferraduras insculpidas na rocha 1.



Fig. 6. Aspecto da rocha 2 gravada com um podomorfo.



Fig. 7. Rocha 5 do Alto do Pobraal com dois círculos picotados.

A rocha 5 integra um afloramento alinhado com o suporte da rocha 3 e de idêntica morfologia. O painel, estreito e alongado, conserva um par de figuras circulares definidas por sulcos picotados bem marcados na rocha (**Fig. 7**).

Com uma técnica distinta das anteriores, e em local mais elevado, encontra-se a rocha 6 que parece corresponder ao sítio da lenda, dada a presença de fissuras (naturais) definindo formas elípticas que, embora não correspondendo ao contorno circular da boca de um sino, decerto foram apropriadas pela tradição oral. No entanto, o informante não referiu a presença de “letras” no local da lenda mas de “ferraduras”. Este facto autoriza a integração do conjunto dos seis painéis no contexto da lenda dada a presença de duas ferraduras numa das rochas já descritas (rocha 1) e a proximidade entre elas.

Outro aspecto de realce é a existência, ao lado deste afloramento, de um antigo caminho romano/medieval, hoje abandonado, que continuava para Sudeste em direcção à linha de fecho da Serra e para Norte em direcção ao vale da ribeira da Sertã, continuando para lá da estrada alcatroada quase até Oleiros.

No amplo afloramento sub-horizontal identificado como rocha 6 observam-se, claramente, duas linhas quebradas cuja forma é equiparável à letra M. Os sulcos lineares que definem aquelas figuras são fusiformes estreitos, sendo pequena a variação de espessura entre as extremidades e a zona mediana dos segmentos, quase filiformes e de secção em V. Foram gravados por abrasão. Além das duas linhas quebradas, que se destacaram num primeiro relance, observam-se outros traços mais finos. A distância entre as duas figuras é de cerca de 1 m e estão orientadas de forma homóloga, característica que também é patente no par de ferraduras (rocha 1). Estes MM apresentam uma grande semelhança com os MM da palavra MITAMVS que se encontra gravada, em conjunto com um escutiforme, sobrepondo-se a outros símbolos rupestres, na laje da Fechadura (Batata, 1998: 19).

As gravuras rupestres do Alto do Pobral apresentam características singulares. Têm carácter isolado no que concerne à sua distribuição por painel, embora formem um conjunto, tendo em conta a proximidade entre as diversas rochas. De facto, o vizinho mais próximo situa-se entre 100 m e 200 m de distância. Não se deve excluir a possibilidade de este padrão se repetir ao longo das encostas do Cabeço Rainha.

As gravuras ocorrem isoladas ou em pares de figuras semelhantes. Identificaram-se como figuras isoladas, dois círculos e uma pegada. Os pares são constituídos por círculos, ferraduras e linhas quebradas. Esta “simetria” merece ser realçada.

Os pares de signos têm decerto um significado preciso, hoje inatingível. Pares de círculos, pares de covinhas, tal como os trios de covinhas, são ocorrências frequentes em rochas ao ar livre e em monumentos megalíticos.

No Alto do Pobral as técnicas de gravação são bem diferenciadas. Está representada a técnica do picotado, em seis figuras, a técnica de abrasão, numa figura, e duas gravações filiformes, também produzidas por abrasão.

Estes mesmos motivos e estas técnicas convergem e sobrepõem-se, por vezes de forma inversa, em conjuntos complexos, caracterizados por elevado número de figuras de tipologia variada.

Assim é na Pedra Escrita de Ridevides, em Trás-os-Montes (Santos Jr, 1963) onde um complexo de figuras incisais, incluindo filiformes, foi sobreposto em determinados sectores por figuras picotadas com predomínio de ferraduras. E observa-se idêntica

sobreposição em Las Ereáis II, na região de Las Hurdes (Benito del Rey & Grande del Brío, 1995).

Um caso mais interessante pode encontrar-se em Las Pisás de los Moros ou El Castillo 1 (Sevillano S. José, 1991) onde os temas dominantes são as pegadas e as armas. Ali, podomorfos picotados sobrepõem e são sobrepostos por podomorfos incisos finos (filiformes), embora a fonte realce como conclusão a maior antiguidade (relativa) dos picotados em relação aos filiformes. Conclusão contrária decorre da leitura da Pedra Escrita de Ridevides segundo Santos Jr (1963).

Conjuntos complexos como os citados são decerto o resultado de um uso recorrente, de carácter ritual.

Por outro lado, os podomorfos incisos finos podem representar figuras em esboço, que não chegaram a ser acentuadas por picotagem ou por abrasão, se atendermos à sequência operativa identificada nas Pegadas de Nossa Senhora, em Tondela (Gomes & Monteiro, 1977: 154). Este conjunto pode ser citado como outro exemplo da convergência de pegadas, ferraduras e círculos, embora domine o primeiro motivo com mais de uma centena de exemplares.

Deste modo, sugere-se o carácter contemporâneo, no sentido da continuidade geracional, das gravuras do Alto do Póbral, à excepção dos MM. Por outro lado, a sua rarefacção contrasta fortemente com os conjuntos complexos identificados nos contrafortes ocidentais da mesma serra, no vizinho concelho da Sertã (**Fig. 2**), consubstanciados nos magníficos painéis insculptados identificados nos sítios da Lajeira e da Fechadura (Batata, 1998; Batata & Gaspar, 2000), ou na Pedra Letreira, em Goís (**Fig. 2**), apenas para citar exemplos próximos. Na Lajeira e na Fechadura verifica-se idêntica incidência de gravações picotadas e incisas⁸.

O contraste com o complexo de arte pós-paleolítica do Tejo, situado no outro “limite” topográfico desta região, é flagrante no que concerne à quantidade de gravuras presentes. Os conjuntos complexos, como o do Tejo, assumem, decerto, um estatuto mágico-simbólico central, como espaços de ritual ou santuários. As gravuras do Alto do Póbral, também abstractas, inscrevem-se certamente num mesmo complexo ideológico e código territorial, quiçá como limites de território ou como marcadores de passagens importantes.

Esta via tem sido explorada por diversos investigadores (Bradley, Criado & Fábregas, 1994). E, noutra perspectiva, alguns estudiosos da arte rupestre das Hurdes afirmam que *“todos los petroglifos, salvo raras excepciones, se localizan junto a antiguos caminos, en pasos de montana o en la cabecera de los ríos u otros cursos de água. La elección del lugar viene determinada, no ya por la existencia de canchales, sino fundamentalmente, por la significación mágico-religiosa del enclave”* (Benito del Rey & Grande Del Brío, 1995: 13).

Os motivos presentes no Alto do Póbral, com destaque para as figuras circulares e à excepção das linhas incisais (MM), quebradas, estão bem representados no complexo de arte rupestre do Tejo.

No Tejo, as pegadas, insculpidas por exemplo em Gardete, em Fratel, em São Simão e no Cachão do Algarve, surgem isoladas em relação a motivos do mesmo

⁸ Na Lajeira foram identificadas diversos motivos gravados a picotado, nomeadamente espirais simples, uma espiral-labirinto, meandriformes, serpentiformes, um possível antropomorfo e pontos alinhados em painel xisto-graváquico inclinado para Oeste, a 830 m de altitude (Batata, 2000: 577). Na Fechadura as gravuras presentes noutro amplo painel xisto-graváquico voltado a Noroeste, em encosta da Serra do Figueiredo, à cota 780 m, foram executadas por incisão, incluindo filiformes e fusiformes. Entre os motivos ali registados estão escaleriformes, traços paralelos e convergentes, reticulados, um escutiforme, quadrados, figura vulvar, pentalfas e inscrições alfabéticas (Batata, 2000: 578).

tipo embora pareça conferir novo significado, na opinião de Varela Gomes (2000), a figuras pré-existentes, sobrepondo, por exemplo, um cervídeo na rocha 61 do Cachão do Algarve.

Os podomorfos, na opinião daquele especialista, estão “*conotados com os conceitos de presença ou de passagem, de heróis ou divindades, hierofanias integradas nos contextos dos mitos de viagem; a viagem sagrada ou peregrinação, que repete percurso primordial em direcção ao divino*” (Gomes, 2000: 109).

A estratigrafia figurativa documentada em rochas de diversos locais da Península, onde pegadas sobrepõem figuras representando armas, de tipologia e cronologia reconhecidas, e a sua presença em estelas funerárias têm justificado a atribuição destas figuras ao final da Idade do Bronze ou inícios da Idade do Ferro e, na opinião de Varela Gomes, consubstanciam, juntamente com círculos, ferraduras e serpentiformes, o último período crono-estilístico da arte do Vale do Tejo (Gomes, 1987).

Figuras incisas, filiformes ou fusiformes, abertas por abrasão e com secção em V, têm larga representação territorial e estão presentes noutras zonas do maciço central, aquém e além Zêzere, nomeadamente na Fechadura e na Pedra Letreira de Góis, já na Serra da Lousã (**Fig. 2**).

A hipótese das duas linhas quebradas, em forma de M, presentes no Alto do Pobral, não terem carácter alfabético, por analogia com a Pedra Escrita de Ridevides, deverá ser excluída. De facto, merece atenção a presença de inscrições em conjuntos complexos constituídos por gravuras filiformes. São disso exemplos, a inscrição da Fechadura, rodeando um escudo (Batata, 1998:19), a inscrição de Las Pisás de los Moros ou El Tesito de los Cuchillos, que está encostada a duas espadas (Sevillano, 1991: 69, 76; leitura: RMAMIIACAVII) e a inscrição, com caracteres de tipo ibérico, presente na rocha 23 do Vale da Casa (Baptista, 1984: est. 4), ao lado de filiformes representando uma cena de caça e de dois podomorfos picotados.

Mas as gravações fusiformes comportam forte indeterminação quanto à sua cronologia e significado quando descontextualizadas. São os casos, em especial, de conjuntos monótonos, constituídos por alinhamento de traços quase paralelos ou em feixe, como os que se conhecem, por exemplo, a Sul do Cabeço Rainha, na Pedra das Letras (AEAT, 1998; Batata & Gaspar, 2000)⁹, em Las Hurdes (Sevillano, 1991) ou em diversos abrigos sob pala no Nordeste de Portugal, em Vale de Espinheiros, nas Aguçadeiras ou nas Fragas do Diabo (Sanches, 1992).

Sistemas de contagem ou afiadores de ferramentas têm sido algumas das funções apontadas para aquelas marcas, a segunda das quais nos parece muito pouco convincente quando aplicada a suportes imóveis.

A propósito das “*incisões filiformes ou abertas por abrasão, do tipo das denominadas «unhadas do Diabo», de aspecto fusiforme...*” Varela Gomes cita outros autores para referir a sua presença em ambas as margens do Mediterrâneo e a hipotética cronologia paleolítico ou epipaleolítica (Gomes, 2002: 170).

Merece ainda referência a presença de um bloco móvel com aquele tipo de incisões na estrutura de uma passagem monumental identificada no sítio calcolítico muralhado do Castanheiro do Vento, na bacia do Côa (Jorge *et al.*, 2003).

⁹ Esta rocha e o respectivo decalque serão objecto de próxima publicação no âmbito da elaboração de uma proposta de classificação acordada entre a autarquia e a Associação de Estudos do Alto Tejo.

Com idêntica morfologia também se conhecem, em vários locais da Península, distintas gravações (desde logo no que concerne à cronologia) na entrada de templos, de casas privadas (Balesteros, 1997), e de novo em zonas de passagem, ou, ainda, em bases de cruzeiros.

As gravuras agora descobertas têm a particularidade de alargar a representação de signos antigos nos afloramentos da Serra do Cabeço Rainha, evidenciando a importância territorial daquele acidente geográfico em período recente da Pré-História regional.

De facto, e como já foi realçado, os motivos presentes no Alto do Pobral, picotados ou incisos, e em particular círculos, ferraduras e podomorfos estão recorrentemente representados noutras rochas do maciço central a Sul e a Norte do rio Zêzere¹⁰.

Os montículos funerários, localização e caracterização

Na Serra dos Alvêlos e na Serra das Mougueiras, situadas respectivamente, cerca de 10 km (distância aos vg culminantes) a Norte e a Leste do Cabeço Rainha, identificaram-se diversos montículos artificiais de carácter presumidamente funerário.

Como já se salientou, são os primeiros monumentos daquele tipo identificados em altitudes elevadas, em zona montanhosa, na região de Castelo Branco (**Fig. 2**)¹¹. Estes achados alargam o território marcado com monumentos daquele tipo, não pondo em causa a posição dominante do megalitismo¹² funerário nas terras baixas do distrito e em particular na envolvente do rio Tejo.

Esta nova realidade evidencia um padrão de assentamento de largo espectro topográfico tal como se verifica no Norte de Portugal. De facto, e para citar apenas dois exemplos, no Noroeste as arquitecturas funerárias sob montículo distribuem-se desde o litoral até às terras mais altas do interior.

Quadro 2

Nº *	Local	Tipologia
2	Selada da Póvoa 1	Uma mamoa, um montículo e outro possível montículo destruído por um caminho.
	Selada da Póvoa 2	Dois pequenos montículos e uma estrutura destruída.
3	Mata do Álvaro (vg)	Uma mamoa muito danificada.
4	Mosteiro (vg)	Um pequeno montículo.
5	Selada do Cavalo 1	Uma pequena mamoa, um montículo e uma estrutura destruída.
	Selada do Cavalo 2	Um montículo em encosta.
6	Feiteiras	Uma pequena mamoa e dois montículos, um dos quais parcialmente destruído por caminho.
7	Coval Seixoso	Possível mamoa muito destruída.
8	Serra do Carujo	Um montículo parcialmente destruído por caminho.
9	Serra das Mougueiras	Um montículo parcialmente destruído por caminho.

* Número de referência do sítio na figura 2.

¹⁰ Gravuras destes tipos foram também reconhecidas em sector mais setentrional do maciço central, próximo da Serra da Estrela, no âmbito de um projecto de parque eólico; Estudo de Impacte Ambiental do Parque Eólico da Serra do Açor, ENERNOVA/HIDRORUMO, 2001.

¹¹ Também se identificaram recentemente dois montículos em Aigra, na Serra da Lousã.

¹² Utiliza-se o conceito “megalitismo” em sentido muito lato, como sinónimo de ritual funerário sob montículo artificial, embora se reconheça que a maioria dos montículos em apreço têm carácter não-megalítico no que concerne às suas dimensões.

Um exemplo da primeira situação é a mamoa da Eireira, em Viana do Castelo (Silva, 1987), um monumento encerrando uma câmara e corredor indiferenciados, situado a 25 m de altitude e a cerca de 400 m de distância do mar. No outro extremo altimétrico podemos citar a necrópole do Alto da Portela do Pau (Jorge, 1997), no planalto de Castro Laboreiro (Serra da Peneda), no concelho de Melgaço. Este conjunto de mamoas, contendo estruturas dolménicas, situa-se a quase 1300 m de altitude.

Por outro lado o encerramento de restos funerários humanos no centro de montículos artificiais sub-circulares pode evidenciar uma tradição que percorre um extenso período cronológico, entre o V milénio a. C. e o início do I milénio a. C., ou seja desde o Neolítico Médio até ao final da Idade do Bronze, pese embora a grande variabilidade verificada na volumetria dos montículos (cujos diâmetros podem variar, por exemplo, entre 5 m e 40 m, o mesmo se verificando com a altura desde dezenas de centímetros até vários metros) e dos rituais de encerramento dos restos humanos (deposição, inumação ou incineração; sepultamento individual, colectivo; em dólmen, cista, covacho ou urna).

O monumento mais impressionante agora detectado é uma mamoa com cerca de 23 m de diâmetro e 3 m de altura (**Fig. 8**) identificada próximo da Selada da Póvoa (refª 2, Quadro 2). Apresenta depressão central, correspondente à câmara funerária, com 6 m de diâmetro no coroamento. Está relativamente bem conservada. Com base numa observação superficial, a sua estrutura inclui para além de terra, alguns pequenos blocos de quartzo e blocos de xisto boleado. Situa-se a 800 m de altitude numa longa cumeada que se desenvolve desde o topo da Serra dos Alvêlos até à margem direita da ribeira da Sertã.

Cerca de 100 m a NE da mamoa detectaram-se restos (evidenciados por concentração de grauvaque boleado e quartzo leitoso) de outro monumento destruído pela abertura de um estradão e a instalação de um eucaliptal.

Entre estes dois monumentos identificou-se, após os últimos fogos florestais, um *tumulus* muito baixo, constituído fundamentalmente por grauvaque boleado e alguns elementos de quartzo. Tem 9 m de diâmetro médio e apresenta ampla depressão central. Para além da zona central, a couraça pétrea está ausente no quadrante SE. Está alinhado com os dois monumentos já citados segundo a direcção SO-NE. Situa-se a 44 m de distância da mamoa e a 70 m de distância da estrutura destruída.

O local destes monumentos é conhecido como Cova da Moura (em referência talvez à mamoa) e como Eira dos Mouros (talvez o montículo baixo). Na vizinhança também se detectaram pequenos covachos, distintos, correspondentes a carvoeiras utilizadas durante o séc. XX.

Entre este montículo e o segundo citado passa um antigo caminho de carros, hoje desactivado, assinalado por sulcos profundos no substrato xistoso e afundamento da via em canal.¹³

A cerca de 400 m a Sudoeste da Cova da Moura (Selada da Póvoa 1) existem três estruturas dispostas segundo os vértices de um triângulo (Selada da Póvoa 2, refª 2). Uma dessas construções é um pequeno montículo regular, sub-circular, muito baixo, com cerca de 4,5 m de diâmetro. A couraça é constituída por pequenos blocos de quartzo leitoso e blocos de xisto-grauvaque, boleados. Apresenta suave depressão central, com escassa cobertura de pedras.

¹³ A profundidade do canal é aliás o elemento mais significativo para avaliação da antiguidade da via.



Fig. 8. Vista da mamoa de Selada da Póvoa 1 (foto de Armando Sabrosa)



Fig. 9. Selada do Cavalo 1. Pequeno montículo em primeiro plano e mamoa evidenciados pela cobertura de quartzo leitoso (foto de Armando Sabrosa)



Fig. 10. Mamoa das Feiteiras (foto de Armando Sabrosa)

Cerca de 14 m a WSW existe outro montículo, com 3 m de diâmetro, assinalado por pequena acumulação de xisto-grauvaque e algum quartzo leitoso. A 12,5 m de distância¹⁴ da primeira estrutura e a 6,5 m de distância da segunda existe uma mancha, alongada, de blocos de grauvaque, que pode corresponder a outro montículo muito destruído. Nas proximidades passa uma antiga via com trilhos de carroças.

No ponto mais alto desta lomba, já no topo da Serra, a cerca de 2 km de distância da “grande” mamoa da Selada da Póvoa 1 identificou-se uma sobrelevação no terreno de génese antrópica (ref^a 3), sob o v.g. Mata do Álvaro. Aquando da instalação dos caminhos e da construção de uma torre de vigilância contra incêndios e de uma antena de telecomunicações esse “relevo” foi desbastado na zona periférica. Um corte visível no lado SO revela um aterro constituído por terra e fragmentos de xisto e quartzo que se interpretou como o enchimento de um montículo pré-histórico. Acresce o facto do vg assentar num plano elevado (artificial?) em relação ao terreno envolvente.

Após os incêndios foi possível observar, no sector situado a leste do vg, uma cobertura pétrea constituída por blocos de grauvaque de pequenas e médias dimensões (com presença de elementos boleados) e escassos elementos de quartzo. Nesse sector, situado entre as direcções NE e SE, o montículo apresenta uma configuração regular e uma cobertura de pedras que pode corresponder a uma couraça pétrea.

Tomou-se como centro hipotético do monumento uma ligeira depressão situada imediatamente a SO da base do vg. A partir desse ponto estimou-se o raio hipotético da mamoa em 7 m. Tem cerca de 1 m de altura, mas originalmente seria mais alta, se admitirmos que a montagem do vg implicou uma regularização do topo do monumento.

Nos restantes sectores o montículo, tal como se observa actualmente, sofreu deformações, resultantes de terraplanagens e de depósitos de entulhos de construção, talvez provenientes da regularização do terreno e da abertura dos caboucos da vizinha antena de telecomunicações e da torre de vigilância.

Noutro ponto culminante da mesma lomba, cerca de 2 km para Sul da mamoa da Selada da Póvoa 1, identificou-se outra pequena sobrelevação sob o vg Mosteiro (ref^a 4). Este volume, de configuração subcircular, com cerca de 6 m de diâmetro, é assinalado à superfície por diversos blocos e lajes de xisto-grauvaque, com vestígios de uma antiga exposição ao ar (líquenes), e escassos elementos de quartzo. Estes vestígios podem corresponder ao arrasamento de um pequeno *tumulus* com o assentamento do marco.

Numa ampla portela situada a ocidente do vg. Povoinha, na Selada do Cavalo 1 (ref^a 5), existem três estruturas de pequenas dimensões, alinhadas ao longo da linha de festo. Imediatamente a Sul deste alinhamento passa um caminho moderno. A Norte dos monumentos, também ao longo da linha de festo, existem trilhos de um antigo caminho de carroças.

Daquele conjunto, a estrutura mais expressiva é uma pequena mamoa (**Fig. 9**), bem destacada acima do solo, embora baixa, sub-circular e com 9 m de diâmetro médio. Apresenta suave depressão central com escassos elementos pétreos. A couraça

¹⁴ As distância entre montículos são tomadas a partir do centro da mancha de dispersão ou da estrutura.

superficial é constituída por quartzo leitoso de pequenas dimensões e blocos de grauvaque boleados talvez trazidos de uma linha de água próxima. O caminho antigo situa-se a 13 m de distância do centro do monumento.

Cerca de 17 m a ocidente identificou-se um pequeno montículo com 4 m de diâmetro (**Fig. 9**), e escassa sobrelevação em relação ao terreno envolvente. É constituído por terra, blocos de grauvaque boleados e alguns blocos de quartzo leitoso.

A 7,5 m de distância, para oriente da primeira estrutura citada, observa-se uma mancha de dispersão de blocos de grauvaque boleados e escassos elementos de quartzo. Pode corresponder a um pequeno *tumulus* destruído.

Bem perto, em pequeno ressalto, da encosta sobranceira à Selada do Cavalo, identificou-se mais um montículo, com 4 m de diâmetro, constituído por lajes de xisto-grauvaque (refª 5, Selada do Cavalo 2). Revela mau estado de conservação e espalhamento encosta abaixo.

Noutra extensa lomba que desce do cimo da Serra dos Alvélos desde a Povoinha (vg) até à convergência da ribeira Pequena com a ribeira do Vale Fundeiro, próximo de Roqueirinho, identificaram-se outros montículos.

No visio daquela lomba, a ocidente das Feiteiras (refª 6), existe uma pequena mamoa, bem destacada acima do solo (**Fig. 10**), exibindo espessa couraça pétrea, constituída quase exclusivamente por pequenos e médios blocos de xisto-grauvaque (talvez um *cairn*), em grande parte boleados. Tem 8,5m de diâmetro. O terreno é levemente inclinado para Sul o que pode explicar o alongamento da estrutura na direcção da pendente. Observa-se rarefacção de elementos pétreos na depressão central, correspondente ao contentor funerário, com prolongamento para Sul (talvez devido a incidência de antiga violação). O centro do monumento situa-se cerca de 7,5 m a ocidente da directriz de um caminho com rodados, hoje descativado.

Cerca de 120 m a Sul existem dois pequenos montículos situados a curta distância um do outro. Também estão posicionados a ocidente de um caminho que percorre a linha de festo. Têm cerca de 6 m e 4 m de diâmetro e são constituídos por quartzo leitoso e xisto. Um dos montículos foi parcialmente amputado pela abertura do citado caminho.

Para Sul, a uma distância de cerca de 1,5 km, existe outra sobrelevação (Coval Seixoso, refª 7), de pequena altura, alongada, com uma dimensão máxima de 12 m, assinalada pela dispersão de blocos de grauvaque e de quartzo leitoso. Situa-se no centro de uma plataforma a 750 m de altitude. Pode corresponder a uma mamoa destruída devido ao revolvimento do solo, aquando da instalação do pinhal ou antes do seu plantio, em época em que esta chã seria cultivada.

Fora da Serra de Alvélos também se identificaram construções semelhantes. Na Serra do Carujo (refª 10) detectou-se um *tumulus*, relativamente amplo e regular (11 m de diâmetro), muito baixo, e parcialmente amputado pelo estradão que percorre a cumeada. Apresenta suave depressão central também ampla. Na orla desta depressão conserva-se a estrutura original da mamoa e respectiva couraça pétrea, constituída por blocos de xisto-grauvaque e alguns elementos de quartzo leitoso. A cerca de 36 m de distância, para Nordeste, também ao lado do estradão já citado, detectou-se uma pequena concentração de blocos de quartzo e de grauvaque em montículo artificial imperceptível.

Ao longo da linha da cumeada, ao lado destes monumentos, observam-se troços de uma antiga via com trilhos.

Finalmente, no lado ocidental da Serras das Mougueiras¹⁵, num ponto culminante ou portela, a 790 m de altitude, reconheceu-se um montículo sub-circular, baixo, com cerca de 4,5 m de diâmetro, constituído por blocos de quartzo leitoso de pequenas dimensões. Está ocupado por pinhal não ardido e houve corte recente de mato talvez para utilização em cama de gado.

O monumento está parcialmente amputado devido ao alargamento do estradão que percorre a cumeada. Esta via, também conhecida como Estrada da Lisga, ligava aquela povoação ao Estreito e à Isna e tinha continuação sobre a Serra das Corgas. Supõe-se ser de génese romano-medieval (Batata, 2002).

Na ausência de escavações que permitam conhecer os rituais funerários, os artefactos depositados e as estruturas internas é prematuro perspectivar a cronologia destes monumentos. Nestas condições, os únicos dados disponíveis reportam-se à volumetria, à dimensão e à constituição dos montículos e, ainda, à localização topográfica e distribuição territorial.

No conjunto apresentado é patente uma grande variabilidade nas dimensões e contrastes significativos na composição dos montículos, com predomínio de terra, nos monumentos maiores, ou de pedras, nos menores, com domínio de quartzo leitoso nuns casos e de xisto-grauvaque noutros.

A mamoa da Selada da Póvoa 1, constituída fundamentalmente por terra, pode corresponder a sepulcro colectivo, neo-calcolítico, atribuível a uma fase de apogeu do megalitismo regional, talvez datável do início do III milénio a. C. ou do final do anterior. Monumentos de menores dimensões, já de carácter individual, como as mamoas de Selada do Cavalo 1 ou a de Feiteiras, que aparenta ser um *cairn* (uso quase exclusivo de pedra), poderão ser posteriores, por analogia com a fase tardia da Serra da Aboboreira, no II milénio a. C. (Cruz, 1992), já na Idade do Bronze.

Mas a maioria das estruturas da Serra dos Alvêlos tem dimensões ainda menores que os monumentos atrás citados, um carácter manifestamente não-megalítico e uma presença maioritária de quartzo leitoso. Investigações efectuadas nos últimos vinte anos nas regiões de Viseu (Kalb & Hock, 1979; Cruz, Gomes & Carvalho, 1998; Cruz & Vilaça, 1999) e Aveiro (Silva, 1997) têm posto em evidência um número crescente de pequeno *tumuli*, muito tardios, posicionados cronologicamente na Idade do Bronze.

Considerações finais

A descoberta de diversos *tumuli* no concelho de Oleiros - proporcionada por projectos de produção de energia a partir do vento - vem preencher uma lacuna no conhecimento da presença de comunidades humanas, nesta zona serrana do distrito de Castelo Branco, a partir do Neolítico. E se essa presença era plausível, ainda não tinha sido possível documentá-la, no que concerne a rituais funerários e a vestígios de *habitat*, sendo, embora, conhecidas grafias rupestres na mesma região.

E era também plausível face a uma já documentada presença do homem no Paleolítico Superior, embora ainda episódica, ilustrada com a representação de equídeos em painéis rochosos nos rios Zêzere¹⁶ e Ocreza (Baptista, 2001)¹⁷ e indústria lítica nos terraços do Tejo (Vila Velha de Ródão).

¹⁵ Henrique Louro (1990) afirma que o topónimo Mougueira significa “terra onde abundam mógos”, ou sejam “marcos, pedras levantadas em recintos pré-históricos” e cita como exemplo o recinto da Portela de Mogos, em Évora.

¹⁶ Referimo-nos à descoberta de insculpturas de cavalos magdalenenses próximo da aldeia de Barroca (Fundão) amplamente noticiada no Jornal do Fundão em Junho de 2003.

As possibilidades de uma presença humana, antiga, em região montanhosa, acima de 900 m de altitude, como é o maciço central na região em apreço, significando não apenas passagem ou marcação de território (com grafias rupestres¹⁷) mas uma presença efectiva, materializada em sepulturas e também necessariamente em locais de *habitat* - ainda não reconhecidos – tem como exemplo paradigmático o achado de artefactos líticos de corte (machados) e de farinação (dormente de mó manual) em Vale de Ressim, na encosta norte da Serra da Estrela, a 1430 m de altitude (Cardoso & González, 2002).

Segundo aqueles autores “o estacionamento sazonal de populações pré-históricas, no decurso do Neolítico Final ou do Calcolítico, nos domínios de altitude da Serra da Estrela, agora documentado por provas directas, poderia relacionar-se, pois, com o aproveitamento de pastagens então criadas, por corte e queimada, cuja prática ficou registada nos perfis polínicos conhecidos desde meados da década de oitenta.”

Mas esta colonização pré-histórica das terras altas deve também ser perspectivada além Zêzere, noutro sector do maciço central, como é a Serra da Lousã, onde para além de rochas gravadas os *tumuli* também marcam presença, em Aigra (**Fig. 2**)¹⁹.

O preenchimento de espaços vazios no mapeamento arqueológico tem outros significados que importa reter. Desde logo a perspectiva do estabelecimento de uma continuidade de interacções culturais (Norte-Sul, Interior-Litoral) entre as terras altas da região de Castelo Branco, as terras baixas, planálticas, que ocupam a região na maior extensão, e as grandes vias fluviais de circulação e intercâmbio, com destaque para o rio Tejo. E pode significar que o Homem estendeu bem cedo a sua influência, embora segundo modalidades diversas, à totalidade do território. De que forma se deram essas interacções, em que etapas e que padrões materiais estão ali patentes só o prosseguimento da investigação dos sítios poderá esclarecer.

Por outro lado, concepções como carácter litorâneo do megalitismo peninsular ou a génese da neolitização exclusivamente a partir da costa ocidental estão hoje ultrapassadas com um número crescente de descobertas, no coração da Meseta, de sítios do Neolítico Antigo (Cerrillo *et al.*, 2002), e, mais à frente no tempo, de sepulturas megalíticas e de arte esquemática pintada e gravada, em múltiplos locais e contextos, como tem sido bem evidenciado pelos trabalhos de investigadores espanhóis (Bueno & Balbín, 2003). Este aumento de conhecimento tem-se traduzido numa “indiferenciação” crescente entre regiões e no preenchimento de vazios territoriais.

Outro aspecto notório no conjunto de *tumuli* identificados na Serra de Alvêlos é a acentuada diferenciação entre monumentos, na dimensão, na volumetria e nos materiais utilizados, e a presença pressuposta de monumentos tardios, atribuíveis à Idade do Bronze. A presença destes últimos não foi até à data evidenciada, ou detectada, na vasta mancha de sepulturas megalíticas que acompanham a margem direita do Tejo a montante de Belver (Henriques, Caninas & Cardoso, 1999; Cardoso, Caninas & Henriques, 1997) e também na margem sul (Oliveira, 2000),

¹⁷ Acerca do cavalo do Ocreza Martinho Baptista afirma que “quase se poderia pensar ... ter sido realizado por um artista-caçador «migrante» do Côa, que por estas paragens estanciou, talvez pesquisando as fontes de sílex que ali faltavam.”

¹⁸ É nesse sentido partilhámos a concepção defendida por Primitiva Bueno, Rodrigo de Balbín & J. Alcolea (2003).

¹⁹ Mas não podemos manter expectativas muito elevadas quanto a uma multiplicação de novos achados. De facto, factores erosivos do solo, e consequentemente dos registos arqueológicos menos duradouros como são os *habitats* temporários ou de construção precária, incidentes em períodos recentes de colonização destas terras, podem ter contribuído para o desaparecimento dos povoados. Um *deficit* de investigação arqueológica e as extensas destruições provocadas pelo fomento florestal, com armação do solo e principalmente com a instalação de vasta rede de infraestruturas (estradas, cruzamento múltiplos de vias em zonas sensíveis como as portelas e aceiros ao longo das cumeadas) podem ter contribuído para a perda de grande parte do património arqueológico destas serras. Após os vastos incêndios de 2003 temos a última oportunidade de salvar, agora, o que resta desse património. Assim haja boa vontade, inteligência e sentido de Estado.

talvez em consequência de uma mais longa incidência de práticas agrícolas destrutivas.

Porém, deve registar-se o reconhecimento de um pequeno *tumulus*, com cista, em Sobral do Campo (Castelo Branco)²⁰. Segundo R. Vilaça & S. Gabriel esta sepultura (1999: 130) “... *adverte-nos não só para a muito provável existência de outras similares, próximas ou mais afastadas, isoladas ou constituindo núcleos, bem como para a problemática funerária do II milénio a. C. da região, até hoje totalmente desconhecida.*”

Em ensaio recente, Jorge de Alarcão (2001) defende a tese da origem transpirenaica do *Lusitani* e de uma invasão ocorrida no início do Bronze Final. Essa perspectiva decorre da não evidência na Beira Interior – por ausência de dados arqueológicos – de um fundo populacional do Bronze Inicial ou Médio que pudesse ter dado origem aqueles povos por evolução interna, apesar da atribuição àquelas fases de inúmeras gravuras da arte do vale do Tejo (Alarcão, 2001: 324, 343).

Um estudo mais aprofundado dos achados de que demos notícia neste texto, e em particular dos *tumuli* funerários, poderá contribuir para contrariar a tese do vazio populacional ocorrido no Sul da Beira Interior durante parte do II milénio a. C. e antes da consolidação da nação²¹ lusitana.

Documentação Consultada

AEAT (Associação de Estudos do Alto Tejo), 1998, **As gravuras lineares da Pedra das Letras**, Boletim Municipal, 11, Câmara Municipal de Proença-a-Nova.

Alarcão, J. de, 1988, **Roman Portugal**, vol. 2, fasc. 1 (Porto, Bragança & Viseu), Warminster.

Alarcão, J. de, 2001, **Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)**, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4 (2), Instituto Português de Arqueologia, p. 293-349, Lisboa.

Balesteros, C., 1987, **Marcas de Simbologia Religiosa Judaica e Cristã em Ombreiras de Portas – III (Novos Elementos)**, Ibn Maruan, 7, Revista Cultural do Concelho de Marvão, p. 165-182.

Baptista, António Martinho, 1984, **Arte Rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva**, *Portvgália*, 4/5, nova série, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 71-82, Porto.

Baptista, António Martinho, 2001, **Ocreza (Envendos, Mação, Portugal Central): um novo sítio com Arte Paleolítica de Ar Livre**, *Arkeos – Perspectivas em Diálogo*, 11, Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo, p. 163-192, Tomar.

Batata, C. & Gaspar, F., 2000, **Arte rupestre da bacia hidrográfica do Rio Zêzere**, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. IV (Pré-História Recente da Península Ibérica), Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, Porto, p. 575-585.

Batata, C., 1998, **Carta Arqueológica do Concelho de Sertã**, Câmara Municipal de Sertã, 96p.

Batata, C., 2002, **Idade do Ferro e Romanização entre os Rios Zêzere, Tejo e Ocreza**, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Universidade de Coimbra.

Batata, C., Gaspar, F. & Batista, A., 1999, **O ineditismo do 1º milénio a. C. da bacia hidrográfica do rio Zêzere no contexto da arqueologia proto-histórica nacional**, Actas do II Congreso de Arqueología Peninsular, tomo III – Primer Milenio y Metodología, Fundación Rei Afonso Henriques, Zamora, p. 25-35.

Benito Del Rey, L & Grande Del Brío, R., 1995, **Petroglifos Prehistóricos en la Comarca de Las Hurdes (Cáceres), Simbolismo e Interpretación**, Librería Cervantes, Salamanca, 92p.

²⁰ Notícia posterior dá conta da descoberta de novos monumentos configurando uma necrópole da Idade do Bronze (Jornal do Fundão, 14 de Março de 2003).

²¹ Conceito entendido como o conjunto dos nove *populi* (Ocelenses, Lancienses Transcudani, Lancienses Oppidani, Igaeditani, Tabori, Elbocori, Coerenses, Calontienses e Caluri) estabelecidos nas regiões de Guarda, Castelo Branco e Cáceres, segundo a tese de J. de Alarcão (2001).

Bradley, R., Criado Boado, F. & Fábregas Valcarce, R., 1994, **Los petroglifos como forma de apropiación del espacio: algunos exemplos gallegos**, Trabajos de Prehistoria, 51 (2), p. 159-168, Madrid.

Bueno, P. & Balbín, R., 2000, **Art mégalithique et art en plein air. Approches de la définition du territoire pour les groupes producteurs de la péninsule ibérique**, L'Anthropologie, 104, Éditions scientifiques et médicales Elsevier SAS, p. 427-458.

Bueno, P. & Balbín, R., 2003, **Una geografía cultural del arte megalítico ibérico: las supuestas áreas marginales**, Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesell. El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI, edición Rodrigo de Balbín & Primitiva Bueno Ramírez, p. 291-313.

Bueno, P., Balbín, R. & Alcolea, J., 2003, **Prehistoria del lenguaje en las sociedades cazadoras y productoras del sur de Europa**, Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesell. El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI, edición Rodrigo de Balbín & Primitiva Bueno Ramírez, p. 13-22.

Caninas, J. C. & Henriques, F., 1987, **Testemunhos do Neolítico e Calcolítico no Concelho de Nisa**, Actas das I Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano (Castelo de Vide, 1985), pp. 69-82, Coimbra.

Cardoso, J. L. & Gonzalez, A., 2002, **Testemunhos da Ocupação Pré-Histórica da Serra da Estrela**, Almadán, 2ª série, nº 11, Centro de Arqueologia de Almada, p. 242.

Cardoso, J. L., Caninas, J. C. & Henriques, F., 1997, **Contributos para o conhecimento do megalitismo na Beira Interior (Portugal): a região do Tejo Internacional**, actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular (Zamora, 23-28 Setembro 1996), Tomo II-Neolítico, Calcolítico y Bronce, Fundación Rei Afonso Henriques, p. 207-215.

Cerillo, E., Prada, A., González, A., & Heras, F., 2002, **La secuencia cultural de las primeras sociedades productoras en Extremadura: una datación absoluta del yacimiento de Los Barruecos (Malpartida de Cáceres, Cáceres)**, Trabajos de Prehistoria, 59 (2), Madrid.

Cruz, D., 1995, **Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste Peninsular e da Beira Alta Senhora**, Estudos Pré-Históricos, 3, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, Viseu, p. 81-119.

Cruz, D., Gomes, L. F. & Carvalho, P. S., 1998, **O Grupo de Tumuli da Casinha Derribada (Concelho de Viseu). Resultados Preliminares da Escavação Arqueológica dos Monumentos 3, 4 e 5**, Conimbriga, 37, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

Cruz, D. & Vilaça, R., 1999, **O Grupo de Tumuli da Senhora da Ouvida (Monteiras / Moura Morta, Castro Daire Viseu). Resultados dos Trabalhos Arqueológicos**, Estudos Pré-Históricos, 7, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, Viseu, p. 129-161.

Cruz, D., 1992, **A mamoa 1 de Chã de Carvalhal (Serra da Aboboreira)**, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Diogo, A. M. Dias & Neto, J. L., 2000, **Estudo de Achados Romanos no Vale do Souto, Concelho de Oleiros**, edição da Câmara Municipal de Oleiros, 25p.

Gomes, M. V. & Monteiro, J. P., 1977, **As Rochas Decoradas da Alagoa (Tondela – Viseu)**, O Arqueólogo Português, 7-9, série 3ª, Direcção-Geral do Património Cultural, p. 145-164, Lisboa.

Gomes, M. V., 1987, **A Arte Rupestre do Vale do Tejo**, Arqueologia no Vale do Tejo, Instituto Português do Património Cultural, p. 26-43, Lisboa.

Gomes, M. V., 2000, **A Rocha 175 de Fratel, Iconografia e Interpretação**, Estudos Pré-Históricos, 8, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, p. 81-112, Viseu.

Gomes, M. V., 2002, **Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século**, Arqueologia 2000: Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal, Arqueologia e História, 54, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 139-194, Lisboa.

Gonzalez Cordero, Antonio, 1999, **Datos para la contextualización del Arte Rupestre Esquemático en la Alta Extremadura**, Zephyrus – Revista de Prehistoria y Arqueología, vol. 52, Ediciones Universidad, Salamanca, p. 191-220.

Gonzalez Cordero, Antonio, 2000, **Grabados Rupestres en Extremadura. Prologo de una investigación**, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. IV (Pré-História Recente da Península Ibérica), Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, Porto, p. 531-546.

Henriques, F., Caninas, J. C. & Cardoso, J. L., 1999, **Arqueologia no Alto Tejo. Balanço de 30 anos de investigação**, História, nova série, 18, p. 68-74, Lisboa.

Henriques, F., Caninas, J. C. & Chambino, M., 1995, **Rochas com covinhas na Região do Alto Tejo Português**, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35 (4), Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, p. 191-202, Porto.

Henriques, F., Caninas, J. C. & Correia, F. B., 2002, **As Estruturas Militares da Serra das Talhadas**, in As Invasões Peninsulares e a Região de Ródão - Proença, *Açafa*, 5, Associação de Estudos do Alto Tejo, Vila Velha de Ródão, p. 43-71.

IGC, 1945, **Carta Corográfica de Portugal na escala 1:400.000**, Instituto Geográfico e Cadastral, Lisboa.

Jorge, V. O., Cardoso, J. M., Pereira, L. S. & Coixão, A. S., 2003, **Castanheiro do Vento, a Late Prehistoric Monumental Enclosure in the Foz Côa Region, Portugal – recent research (1998-2002)**, Journal of Iberian Archaeology, Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, Porto, p. 137-161.

Jorge, V. O., Silva, E. J. L. da, Baptista, A. M. & Jorge, S. O., 1997, **As mamoa do Alto da Portela do Pau (Castro Laboreiro, Melgaço)**, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, 130p.

Kalb, P. & Hoch, M., 1979, **Escavações na necrópole de mamoa “Fonte da Malga” – Viseu**, Portugal, Beira Alta, 38(3), Assembleia Distrital de Viseu.

Leisner, V. & Kalb, P., 1998, **Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Der Westen**, Deutsches Archäologisches Institut, Walter de Gruyter, Berlin, New York, 162p.

Louro, H. S., 1990, **Castros da zona dentre Zêzere, Tejo e Ocrea; topónimos indicativos de antiguidades; uma visita aos Penedos Longos**, Arqueologia e História, série 10, vol. I/II(1), Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.

Oliveira, J. de, 2000, **Reflexiones sobre el conjunto megalítico de Cedillo**, El Megalitismo en Extremadura (Homenaje a Elias Diéguez Luengo), Extremadura Arqueológica, VIII, Mérida, p. 169-186.

Oliveira, J. de & Oliveira, C. D., 2000, **Menhires del Distrito de Portalegre**, El Megalitismo en Extremadura (Homenaje a Elias Diéguez Luengo), Extremadura Arqueológica, VIII, Mérida, p. 105-126.

Proença Jr, F. T. de, 1910, **Archeologia do Districto de Castello Branco. Contribuição para o seu estudo**, Typographia Leiriense, 25 p.

Sanches, M. J., 1992, **Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)**, Monografias Arqueológicas, 3, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto.

Santos Jr, J. R. dos, 1963, **As Gravuras Litotripticas de Ridevides (Vilarica)**, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 19 (2), Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, Porto, p. 111-144.

Sevillano S. José, Maria del Carmen, 1991, **Grabados Rupestres en la Comarca de Las Hurdes (Cáceres)**, *Acta Salmanticensia. Estudios Historicos y Geograficos*, 77, Ediciones Universidad de Salamanca, Salamanca.

Silva, E. J. L. da, 1987, **Mamoas da Eireira**, Informação Arqueológica, 8, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa, p. 96.

Silva, F. A. P. da, 1997, **Contextos Funerários da Idade do Bronze nos Planaltos Centrais do Centro-Norte Litoral Português: tradição ou inovação ?**, II Congreso de Arqueología Peninsular, Tomo II – Neolítico, Calcolítico y Bronce, Fundación Rei Afonso Henriques, Zamora, p. 605-620.

Soares, Isaura Ribeiro Antunes, 2001, **Etnografia do Concelho de Proença-a-Nova**, *Num - Memórias*, Évora.

Vilaça, R., 2000, **Registo e Leituras da Pré-História Recente e da Proto-História Antiga da Beira Interior**, Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. IV (Pré-História Recente da Península Ibérica), Associação para o Desenvolvimento da Cooperação em Arqueologia Peninsular, Porto, p. 161-182.

Vilaça, R. & Gabriel, S., 1999, **Nótula sobre um machado de apêndices encontrado em Vale Branquinho (Sobral do Campo, Castelo Branco)**, Revista Portuguesa de Arqueologia, 2 (1), Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, p. 127-142.

Os nossos agradecimentos a:

Administração do Grupo GENERG

Eng^a Ana Lopes, Grupo GENERG SA

Eng^a Lúgia Mendes, ProSistemas Consultores de Engenharia SA

Eng^a Ana Chinita, Profico Ambiente Lda

Eng^o Manuel Pinheiro e Dr. Manuel Duarte, IPA Inovação Projectos em Ambiente Lda

Dr. António Salvado, Director da Revista Estudos de Castelo Branco

Dr. Carlos Banha, Extensão da Covilhã do Instituto português de Arqueologia

Vereador Victor Conceição Antunes, Câmara Municipal de Oleiros

Presidente da Assembleia de Freguesia de Oleiros

O texto desta separata contemplou a correcção de algumas gralhas e imprecisões presentes na versão original publicada na revista Estudos de Castelo Branco.

PARQUE EÓLICO DO PINHAL INTERIOR

O Parque Eólico do Pinhal Interior localiza-se na zona centro do país na região denominada de "**Pinhal Interior**". O projecto abrange o concelho de Oleiros - freguesias de Álvaro, Oleiros, Sobral, Isna, Estreito e Sarnadas de S. Simão; Proença-a-Nova - freguesias de Proença-a-Nova e Sobreira Formosa; Sertão freguesias de Ermida, Figueiredo e Troviscal; Vila Velha de Ródão freguesias de Vila Velha de Ródão e Fratel.

As principais componentes do Parque Eólico do Pinhal Interior serão **6 Aproveitamentos Eólicos** (Alvelos/Mata Álvaro, Seladolinho, Furnas, Proença, Fundeiro e Rendeiro-Figueiredo), uma **Subestação** principal em Corgas, **Subestações secundárias** em Seladolinho e Alvelos/Mata de Álvaro, **Linhas de interligação eléctrica** dos sub-parques, **Linha a 150 kV** de ligação à subestação da REN e 1 **Parque isolado** no Perdigão.

Este projecto representa a implantação de cerca de **60 turbinas eólicas**, correspondendo a aproximadamente **130 MW** de potência instalada e **300 GWh** de energia produzida anualmente

Edição promovida por:



Com o apoio de:



EMERITA
Empresa Portuguesa de Arqueologia